

## Félix Ribeiro, servidor da cultura portuguesa José Vitorino de Pina Martins



A obra social, caritativa e humanitária – humanista na mais alta acepção da palavra, do homenageado – acaba de ser exaltada numa *laudatio* justíssima. Cabe-me dar o meu testemunho acerca dos grandes serviços que Félix Augusto Ribeiro tem prestado à cultura portuguesa.

## 1

Conheci Félix Ribeiro nos princípios da década de 60, quando iniciei a minha docência na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Fizera o meu tirocínio de professor nas Universidades de Roma (La Sapienza) e de Poitiers. Em 1957 inscrevi o título das minhas teses na Sorbonne, em Paris, onde apenas em 19 de Dezembro de 1974 as defendi perante um júri de grandes *scholars* como Marcel Bataillon, Eugenio Asensio, Robert Ricard, Paul Teyssier, Raymond Cantel e André Saint-Lu.

Na Biblioteca Apostólica Vaticana seguira, no ano académico de 1950-1951, o magistério de Lamberto Donati sobre a História do Livro, no curso de Biblioteconomia. Neste curso havia outras disciplinas como Bibliografia, Catalogação de manuscritos bem como de livros antigos e modernos e de Organização das bibliotecas. Na Faculdade de Letras coube-me no ano de 1961-1962 o encargo da História da Cultura Moderna e a colaboração com o Padre Manuel Antunes na História da Cultura Clássica, cuja regência me foi atribuída também, ao lado daquele sábio jesuíta, em 1962-1963. A minha experiência na área da História do Livro orientou as minhas investigações no estudo das fontes renascentistas da cultura românica.

Quando optei pela análise monográfica da obra de Francisco de Sá de Miranda com vistas ao meu doutoramento, ocorreu-me logo consultar Félix Ribeiro. À tipografia onde ele trabalhava – as Oficinas Gráficas da Livraria Cruz – eu confiara esse e outros estudos. Coincidiu com essa minha opção o encargo, que me foi outorgado pelo Prof. Lindley Cintra, de supervisionar os trabalhos de publicação do *Cancioneiro da Vaticana*. Lindley Cintra, com efeito, pediu-me que aceitasse essa responsabilidade porque, segundo ele, eu teria mais experiência para dirigir a execução de um trabalho desse género. Por meu lado, entreguei o projecto à diligência e competência de Félix Ribeiro e só de longe pude seguir a sua realização. O resultado não podia ter tido mais êxito: dois belos volumes, o primeiro de 1972 e o segundo de 1973. Se as dificuldades de impressão do *Cancioneiro da Vaticana* não eram excepcionais, a elaboração do volume consagrado à bibliografia mirandina exigia uma atenção vigilante e um grande rigor, pois cada capítulo era iniciado

e concluído por gravuras decorativas extraídas da edição *princeps* da obra mirandina do poeta do Neiva, Lisboa, Manuel de Lyra, 1595. Além disso, sendo o volume integrado por duas partes, cada uma formada por cinco capítulos, impunha-se uma correspondência exacta dos elementos decorativos do mesmo capítulo de cada uma das duas partes. O efeito harmonioso do conjunto gráfico e iconográfico impôs esta impressão como um verdadeiro modelo de edição crítico-bibliográfica.

Para o seu aperfeiçoamento na área da técnica impressória, Félix Ribeiro não se limitava ao simples estudo dos progressos da composição informática, mas inspirava-se nas edições antigas de impressores famosos como Aldo Manuzio e os Estienne, Robert e Henry sobretudo. Solicitado certo dia por uma culta investigadora italiana a adoptar uma solução gráfica que lhe não parecia exemplar, aquiesceu. Quando a página ficou composta, dirigiu-se à investigadora universitária italiana e interpelou-a:

– Parece-lhe, Senhora Professora, que Aldo Manuzio aprovaria esta solução gráfica?

A jovem professora ausónica, minha antiga aluna num curso para Estrangeiros da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, confessou-me que nunca, numa tipografia italiana, lhe tinha sido apresentado Aldo Manuzio como padrão para soluções gráficas modernas.

Desejei em 1975 publicar um livro sobre três pequenos achados eruditos relacionados com Giovanni Pico della Mirandola. Eu tinha, com efeito, descoberto numa galeria parisiense de antiguidades um valioso retrato quinhentista de Giovanni Pico, uma pintura sobre madeira, de grande qualidade artística. Além disso, havia identificado como impressão germânica de Nuremberga um livro de 1532, que alguns bibliógrafos tinham atribuído a impressores italianos e franceses. Propus-me também apresentar, no 3.º capítulo do meu livro, a recensão minuciosa de uma pseudo edição crítica das *Conclusiones* de Giovanni Pico della Mirandola, publicada numa colecção prestigiosa de Genebra, em cujo texto identifiquei mais de duas centenas de erros de latim e de leitura paleográfica. A impressão da obra, da responsabilidade de Félix Ribeiro, efectivou-se como uma edição das Presses Universitaires de France.

Oferecia dificuldades múltiplas de impressão pela variedade das reproduções iconográficas a cores e a branco e preto. Félix Ribeiro esmerou-se na feitura desse livro que obteve um notável êxito internacional, tendo mesmo alcançado dois prémios de qualidade, um dos quais numa feira de livreiros europeus, que teve lugar em Barcelona.

As Presses Universitaires de France expuseram em Paris numa das suas vitrines da Livraria, na fachada que dá para a Place de la Sorbonne, a obra mirandolana impressa por Félix Ribeiro. O livro, aberto no rosto sobre uma estante forrada com um pano de veludo verde, tendo como tela de fundo a reprodução do retrato do humanista, esteve patente durante um mês perante um público interessado. A edição, para bibliófilos, e portanto por um preço alto, esgotou-se nalguns meses.

Se este livro, portanto, alcançou algum êxito, ele é devido em grande parte à sua beleza gráfica. Na Bodleian Library de Oxford uma bibliotecária manifestou-me a satisfação porque a Fundação Calouste Gulbenkian oferecera àquela famosa biblioteca um exemplar pois, com o que os dirigentes tinham adquirido em Paris, podia facultar-se um dos dois em permanência aos utentes daquele importante instituto bibliográfico. E também Henri de Lubak me exprimiu em carta pessoal a sua admiração pela edição piquiana, pelo que concerne designadamente ao seu alto nível gráfico.

O meu apreço pelo trabalho gráfico de Félix Ribeiro não se limita, porém, a estas obras. Como eu era então o director do Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris deliberei confiar a Félix Ribeiro a responsabilidade de todas as suas publicações.

## 2

Entre as várias colecções do Centro Cultural parisiense da Fundação Calouste Gulbenkian distinguia-se a de "Civilização Portuguesa". Eu desejava que os livros publicados nesta série fossem especialmente valiosos e da autoria de grandes investigadores universitários não só portugueses mas também estran-

geiros: Marcel Bataillon, Eugenio Asensio, I.S. Révah, Eduard Glaser, Luciana Stegagno Picchio e Celso Cunha foram alguns dos colaboradores dessa colecção, mas houve outros igualmente prestigiosos. Ainda hoje, vinte e seis anos depois da publicação dos *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme* e de *Estudios Portugueses* respectivamente de Bataillon e de Asensio, a apresentação gráfica desses livros pode considerar-se modelar. O livro de Eugenio Asensio ficou ainda valorizado, por Félix Ribeiro, com um utilíssimo e muito valioso índice.

Quando, depois de um decénio de direcção do Centro Cultural em Paris da Fundação Calouste Gulbenkian, regresssei a Lisboa, deliberei confiar a Félix Ribeiro, com a concordância do Administrador do Serviço de Educação, Prof. Doutor Ferrer Correia – que veio depois a ser eleito Presidente da Fundação – alguns dos livros mais importantes do seu departamento de edições. Entre essas obras, permito-me distinguir a *Obra Completa* de Joaquim de Carvalho em nove volumes e os três tomos das obras de Rebelo Gonçalves. Foram realizações gráficas que se impõem pela sua elegância sóbria e discreta. Entre todas as outras publicações, distinguirei a tiragem especial da *Conso-lação às Tribulações de Israel* em dois volumes, com estudos da autoria de Yosef Hayim Yerushalmi, professor da Universidade de Columbia, Nova Iorque, e de José V. de Pina Martins, professor da Universidade de Lisboa.

Também para a Academia das Ciências de Lisboa Félix Ribeiro tem orientado a execução gráfica de algumas obras que se distinguem como realizações tipográficas exemplarmente impressas, entre elas os catálogos de livros quatrocentistas, de livros portugueses e espanhóis do século XVI e de livros quinhentistas italianos, franceses e germânicos, um conjunto de seis importantes volumes com centenas de gravuras em extra-texto. Se me limito a mencionar estas obras, é só porque acerca delas posso dar o meu testemunho, formular um juízo entusiástico de avaliação. Félix Ribeiro dirigiu, porém, além da execução destes trabalhos, muitos outros de que só possuo um conhecimento indirecto.

Félix Ribeiro, um grande servidor da cultura portuguesa através dos livros.

É frequente pôr em relevo o contributo dos estudiosos que prestaram à cultura serviços inestimáveis através da feitura intrínseca dos livros, mas esquecemos

não raro que a difusão, a transmissão e a tradição do conhecimento crítico e científico não se faria ou far-se-ia menos correctamente se o suporte gráfico e iconográfico dos textos não fosse um verdadeiro, claro e adequado instrumento dessa transmissão. Daí que eu esteja hoje aqui, nesta prestigiosa Universidade, para dar o meu testemunho, nesta homenagem justíssima prestada a Félix Augusto Ribeiro.

Ditoso César Cristalino já foi objecto de elogios não comuns numa obra contemporânea de ficção como sendo um Aldo Manuzio bracarense. Que melhor encómio poderá fazer-se do seu trabalho do que compará-lo, neste final do século XX e do segundo milénio, àquele prestigioso impressor-humanista que em finais do século XV e nos primeiros quinze anos do século XVI renovou a arte impressória e contribuiu assim poderosamente para a educação do espírito moderno?

Apresento as minhas sinceras desculpas por ter associado algumas das minhas realizações eruditas à obra extraordinária de execução gráfica do homem de arte, de técnica e de cultura que é Félix Augusto Ribeiro. Bem sei que, como escreveu Pascal, "le moi est haïssable"... Não era, porém, exequível separar o objecto do sujeito. Felicito a Universidade do Minho por esta feliz iniciativa de homenagear solene e oficialmente este Aldo Manuzio bracarense do nosso século. Disse.